***Conceituando Redes de Apoio Transitórias***

*Gisele Camilo da Mata*[1]

***Modelo de Família Nuclear***

Tornou-se um imperativo conceituar Redes de Apoio, sobretudo após a epidemia mundial da Covid-19 e suas sequelas que escancarou a sobrecarga materna e de gênero, o trabalho do cuidado, a distribuição sexual do trabalho e outras desigualdades sociais. Estudos e pesquisas entram como suporte à construção conceitual em disputa, uma vez que Redes de Apoio se evidenciou como mecanismo, ou melhor dizendo, como estratégias de suporte à imbricação maternidade e trabalho do cuidado. Nesse sentido, percebemos então que Redes de Apoio, cuidado e maternidade são experiências atravessadas por dimensões normativas e por relações de poder no cotidiano

Antes de falarmos sobre Redes de Apoio, Cuidado e Maternidade é preciso que recuperemos, ainda que brevemente, a concepção do sistema de família no Brasil. Isso por que é essa configuração que direta ou indiretamente impacta a (in)existência das Redes de Apoio.

Difundindo na virada do século XIX, o modelo de família nuclear tem sua base no modelo burguês, branco e eurocêntrico e esse modelo alinhou-se ao processo de modernização no país. A própria noção de modernidade evoca o período de transformações sociais a partir do desenvolvimento do capitalismo e do processo de industrialização. A família nuclear ou burguesa estrutura-se com: marido, esposa e filhos.

E essa "é uma forma especificamente euro-americana; não é universal"[2].

***Maternidade atrelada à conjugalidade***

Histórica e socialmente então constrói-se a percepção da maternidade atrelada à conjugalidade centrada nesse modelo família composta por casal com filhos. Em contraposição a essa fixidez experiências sociais de família são constituídas, inclusive a própria experiência do cuidado que é "integrado comunitariamente"[3]. Para controle social

---

[1] Doutoranda e Mestre em Educação, Especialista em Transtorno do Espectro do Autismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. camilodamata@gmail.com

[2] OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8

[3] FONTEL, Luana. A mãe que não é abraçada pela vila vai incendiá-la para sentir seu calor. Núcleo Materna, 2024.

amparado no padrão de família surgem os estereótipos para classificação de tipologias distintas de composição familiares.

Daí advém o estereótipo "*mãe solteira"* designando o que foge a norma como impróprio ou *a-normal*. A interseção de raça e classe escancara não só as composições distintas de famílias, como reposiciona a mulher-mãe na sociedade visibilizando sobrecarga materna e desigualdades de gênero. Politizada em publicações dos ambientes virtuais, contemporaneamente, a terminologia *"mãe solo"* surge como ruptura a concepção pejorativa da maternidade atrelada à conjugalidade.

***Mãe Solo***

Essa terminologia *mãe solo* é um debate iniciado e propagado na década de 2010, por meio da internet como principal espaço do debate. Protagonizado por duas produções, em 2014, pela designer Thaiz Leão nasce o projeto "A Mãe Solo" que foi divulgado em suas redes sociais por meio de tirinhas e posteriormente em livros. Helen Ramos em seu canal do Youtube "Hell" amplia a discussão com seus vídeos que encontrou ressonância nas mídias tradicionais, como jornais e televisão.

Ainda que a produção acadêmica tenha consolidado a terminologia monoparentalidade para designar a experiencia da maternidade solo há alguns anos esse debate se inseriu nos espaços mais politizados da universidade. Essas publicações e produções externas à academia fomentaram e complexificaram o debate da maternidade e da condição social da mulher. E esse movimento passou a pressionar o Estado à responsabilização para garantir políticas públicas e direitos em conformidade às mudanças do modelo padrão familiar.

***Mito do Amor Materno***

A retórica do "amor materno" estabelece uma noção de mãe universal ou mãe única[4]. Assenta-se aí um modelo da maternidade, em um processo bem-sucedido, na construção e projeção da imagem da mulher-mãe ideal/perfeita, ou seja, da boa mãe. Modelo retroalimentado de um lado pelo constrangimento e culpabilização das mães ancorado em um "instinto materno" que é forjado em preceitos espirituais e morais emaranhado a noção do cuidado materno. De outro lado, pela patologização das

[4] BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

mulheres-mães que contestam subvertem esse modelo e são categorizadas como desviantes, egoístas, incompletas ou “mães que abandonam os filhos”[5].

Paralelamente se ampliam e se complexifica as exigências do cuidado. Emergindo daí a ideia da maternidade de tempo ilimitado, intensiva, exclusiva e disponível aos outros sempre como comportamento social e universal das mulheres. Sistematicamente, essa construção promove o apagamento da mulher-mãe ao retirar seu protagonismo e singularidade na administração da própria vida. Bem como normaliza o não reconhecimento e a não valorização do trabalho do cuidado. Em última instância posiciona e direciona a *mãe* ao espaço privado e doméstico.

### *Conformação distinta da triangulação da família nuclear*

A experiência de compartilhar o cuidado é a transgressão desse modelo eurocêntrico de família nuclear-burguesa, dita universal. É na reintegração do trabalho do cuidado que surgem conformações distintas da triangulação (casal com filhos) da família nuclear. O cuidado compartilhado fissura o cânone cultural e amplia a noção de família e de cuidado para comunidade.

Simultaneamente, as distintas configurações de famílias já existes e aquelas que surgiram ganham espaço, visibilidade e passam a reivindicar políticas públicas e direitos. Em um movimento, retiram a maternidade e o trabalho do cuidado do âmbito doméstico e reacendem o debate da corresponsabilidade do Estado.

### *Redes de Apoio*

No sistema de família no Brasil, a dinâmica do cuidado impõe a constituição de Redes de Apoio como estratégia de suporte à maternidade. Não sendo um sistema completo, a concepção de Redes de Apoio se difere tanto em conceituação, aplicação, quanto em sua configuração. Atrela-se à necessidade de uma Rede de Apoio a noção pejorativa de desvios do padrão de família muitas vezes estereotipado como sintoma de inferioridade ou de desorganização social. O que causa dissonâncias no compartilhamento do cuidado.

Para compreendemos a complexidade das diferenciações de Rede de Apoio tal como a conceituamos, o cuidado compartilhado, temos, por exemplo, na antropologia a

---

[5] PINTO, Camila.Fernandes. Figuras da Causação: as novinhas, as mães nervosas e as mães que abandonamos filhos. Rio de Janeiro: Telha, 2021. 314p.

denominação da “rede de ajuda mútua”[6] restrito à “rede consanguínea e às famílias estendidas” em grupos populares. Na Psicologia encontramos a conformação “rede de apoio social”[7] como “um conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõe os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo”. O verbete “rede social”, conceituado na década de 1970, faz parte do Dicionário de Sociologia da Universidade Federal Fluminense e se configura na perspectiva de vida social ou no “conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais ou outras unidades de análise”.

Do ponto de vista histórico e social, as diversas áreas do conhecimento contribuem para a ideia de Redes de Apoio vinculada automática e permanentemente à família. Quaisquer outras configurações que esteja desagregada da família, se e quando aparecem são ações pontuais e individuais. Entretanto, compartilhar o cuidado advém de um trabalho de “incidência política e articulação entre pautas, pessoas e recursos, apoio na ocupação de espaços institucionais de participação social, especificamente, no ambiente acadêmico-científico”[8].

### *Dinâmicas alternativas do compartilhamento do cuidado*

Enquanto compromisso ético, político e epistemológico as dinâmicas alternativas de compartilhamento do cuidado produzem uma imagem abarcadora e acolhedora que confronta os estereótipos que povoam o senso comum sobre Redes de Apoio. Ao mesmo tempo, retorna o cuidado às “coletividades” onde “encontramos provisões de esperança e otimismo”[9].

Trazer à reflexão as dinâmicas alternativas de compartilhamento do cuidado pela composição de Redes de Apoio Transitórias pretende, a um só tempo, desconstruir o adágio *mãe é uma só* e construir um referencial de comunidade do cuidado que encapsula o padrão social da maternidade, do cuidado e de família nuclear.

---

[6] FONSECA, Cláudia. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In: Pesquisando a família: olhares contemporâneos (Coleta Rinaldi Althoff, Ingrid Elsen, Rosane G. Nitschke, orgs.) Florianópolis: Papalivro editora, 2002, p. 01-16.

[7] JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Ângela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. In: Ambiente & Sociedade. São Paulo, v. XVII, n. 3, jul.-set., 2014, p. 135-154.

[8] MATA, Gisele Camilo da. Quem pode ser mãe: maternidade, produção do conhecimento, escolhas (im)possíveis e vivências de estudantes na UFMG. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2022.

[9] DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. Organização de Frank Barat e tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

### *Conceituando Redes de Apoio Transitórias*

Desta forma, nos agrupamentos Redes de Apoio Transitórias e Redes de Apoio Permanentes evoca-se a ideia de fixidez e seu contraponto. Dissonante da categoria permanente que estabelece conexão à família ou a um ato contínuo, a categoria transitória desloca tempo, espaço, pessoas, circunstâncias. Isso quer dizer que as Redes de Apoio se estendem a novos arranjos do cuidado para além de *quem vai ficar com a criança*.

Redes de Apoio Transitórias podem ser vínculos e conexões que se estabelecem durante um período de tempo ou ainda podem ocorrer em distinta temporalidade e territórios. Pode sim estar ligada a concepção central de quem fica com a criança para que a mãe possa estudar, passear ou descansar. Mas, pode também ser um grupo de mulheres-mães que se reúnem para promover formação acadêmica extracurricular e, simultaneamente, estimulam e fortalecem entre si a produção científica, a autoestima e a saúde mental.

Outra configuração possível pode aparecer na forma de uma poesia, música ou livro compartilhado. Também pode ser os minutos ou horas cedidas para ficar deitada na cama assistindo um filme ou série, dormindo, lendo ou simplesmente descansando. O descanso é revolucionário e do "tempo circular e ancestral"[10]. Aparece inclusive na forma de convite para um evento pessoal ou acadêmico-científico (mesmo que não aceito ou aceito e não comparecido), há também a produção científica/escrita conjunta ou ainda o convite para um passeio ou mesmo a imprescindibilidade da presença na defesa de um trabalho. As variações da ocorrência de transitoriedade é o que potencializa essa configuração de Rede de Apoio.

### *Espaço seguro[11] e Comunidade de Acolhimento[12]*

Finalmente aqui vou falar mais como compreendo e sinto a respeito da maternidade, de compartilhar o cuidado e das Redes de Apoio Transitórias.

Inicio destacando que apoio minha intelectualidade confiando em minha própria biografia pessoal, cultural e epistêmica como fonte significativa de conhecimento. Segundo, fundada nessa realidade vivenciada que subverto paradigmas sobre

---

[10] SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

[11] COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019

[12] FONTEL, *op. cit.*

conhecimento e intelectualidade ao tomar pra mim a responsabilidade e o controle da minha própria narrativa. O que pode inclusive ser visto como um "privilégio e um exercício de poder"[13]. Em outras palavras, passo a nomear minha própria experiência. O que exige sobretudo, coragem!

Argumento uma maternidade forjada em concepção de potência e "autodefinição"[14], que jamais esteve em perspectiva aspectos de submissão e docilidade. É, antes, na aliança e na construção de espaços seguros que recepciona e acolhe às mulheres-mães para que expressem livremente críticas às referências e conceitos teóricos para que não estejam isoladas como estratégia de "comunidade de acolhimento". Rede de Apoio Transitória então, pela não fixidez na família, pode tanto se dar em outros contextos de reprodução da vida como pode operar em muitas formas do trabalho do cuidado.

Enfim, é o que delineia compartilhar o cuidado.

*Tão importante quanto saber a minha história, é eu ter o poder conta-la!*
*E falar dela em primeira pessoa porque tenho a propriedade de contar essa história*[15].

---

[13] MATA, *op. cit.*
[14] COLLINS, *op. cit.*
[15] MATA, Gisele Camilo. Mãestranda – mulher negra-universitária-mãe atípica na pós. In: Por onde andamos? Experiências e perspectivas múltiplas maternidades nas universidades. Rio de Janeiro, RJ: Ed. das Autoras, 2023.